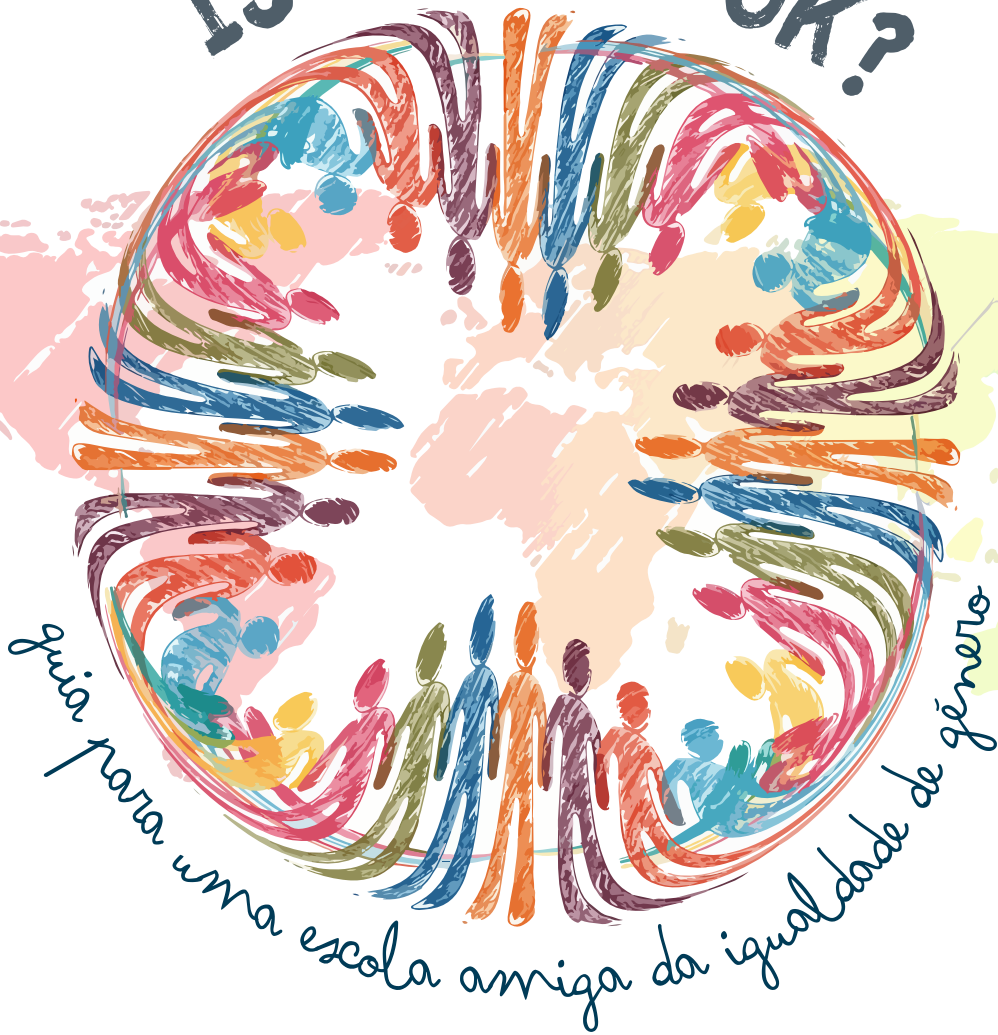


IS GENDER OK?



TÍTULO

IS GENDER OK? – um guia para uma escola amiga da Igualdade de Género

FICHA TÉCNICA

Coordenadoras da publicação: Tamy Rodrigues e Mariana Marques

Revisão: Mariana Marques

Design gráfico, layout e ilustrações: Márcia Ferreira e Flórence Acosta

Data: 27 de fevereiro 2019

A versão online está disponível em www.yupi.pt

Esta publicação foi desenvolvida no âmbito do projeto "School of Active Citizens" 2016-PT0-KA20-023006

A Comissão Europeia apoia a produção desta publicação que reflete as opiniões dos autores e autoras, não podendo ser responsabilizada por qualquer uso que possa ser feito da informação nela contida.

Numa publicação que versa a linguagem inclusiva e a riqueza da diversidade como "conteúdos", a variação linguística que encontra ao longo deste guia reflete também essa diversidade, a qual celebramos e valorizamos.

COAUTORAS, COLABORADORES/AS E AGRADECIMENTOS

Este guia foi escrito e produzido pela organização YUPI www.yupi.pt

Agradecimentos à escola envolvida no estudo que culminou na produção deste guia:

Agrupamento de Escolas de Gondifelos www.aegondifelos.pt

O GUIA

Esta publicação surge como resultado de um estudo sobre a promoção da igualdade de género na comunidade escolar realizado no âmbito do projeto “School of Active Citizens”, uma cooperação entre quatro países - Portugal, Polónia, Roménia e Eslováquia - com a missão de promover uma complementaridade entre o setor de educação formal e não formal no intuito de contribuir para:

- o desenvolvimento integral de competências de jovens;
- transformar escolas em espaços democráticos e de pleno exercício/vivência de cidadania;
- internacionalizar as organizações envolvidas;
- produzir conhecimento e instrumentos que possam ser utilizados pós-projeto e/ou por outras escolas e associações.



“School of Active Citizens” é um projeto com duração de 36 meses coordenado pela organização YUPI (Portugal), em estreita parceria com o Agrupamento de Escolas de Gondifelos (Portugal), Polónia (Semper Avanti e Zespól Szkól Dwujęzycznych), Eslováquia (Agentúra pre rozvoj Gemera e EvanjelickéGymnázium)eRoménia(AsociatiaFeed-backPM-BrasoveColegiulTehnicTransilvaniaBrasov). O projeto abrangeu mais de 1700 jovens estudantes e 140 profissionais nos quatro países europeus (intercâmbio de estudantes, formação local e internacional para professores e educadores atividades locais, reuniões de coordenadores transnacionais e produção de materiais pedagógicos nas áreas do projeto).

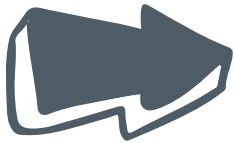
O projeto foi aprovado pela Agência Nacional Portuguesa para o Erasmus + Educação e Formação (parceria estratégica com o ensino escolar) da Comissão Europeia, com início a 1 de setembro de 2016 até 30 de agosto de 2019 e visa contribuir para o reconhecimento da importância e da mais-valia na cooperação entre ~~sistemas educativos não formais e formais~~, a fim de proporcionar aos e às jovens estudantes uma educação integral e humanista.

As três áreas de intervenção escolhidas para as atividades locais em estreita cooperação entre os setores não formal e formal de educação são:

- educação para a democracia;
- educação para os direitos humanos com enfoque na igualdade de género;
- educação para a participação ativa e iniciativa juvenil.

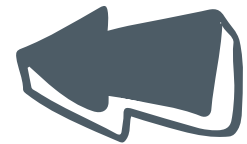
Como produto final do segundo eixo temático é proposto o presente guia.

POR QUE OLHAR A ESCOLA NUMA PERSPECTIVA DE GÉNERO?



A escola constitui-se um dos lugares centrais de formação de pessoas, de acordo com determinados códigos, regras e convenções estabelecidos social e culturalmente, não se resumindo à transmissão de saberes e conhecimentos. É importante compreender que a escola, assim como a família, os meios de comunicação, a Internet, a associação, o clube, a religião, entre outros espaços sociais, são constituídos e atravessados por representações de género, ao mesmo tempo que produzem e/ou significam essas representações. A escola pode assim padronizar comportamentos, relações entre os géneros e determinar o lugar dos rapazes e das raparigas na esfera escolar e na sociedade em geral. É urgente que se trabalhe na contracorrente, entendendo a escola como uma instituição disciplinadora onde a partir do conhecimento da história das relações entre os géneros, é possível encetar esforços com o objetivo de desconstruir essas relações.

Toda a infraestrutura, organização e comunicação dentro da escola podem ser tendenciosas em relação ao género. Por isso, esta ferramenta surge como resultado de uma metodologia de investigação que procurou compreender como a escola se pode constituir como um “travão” às **desigualdades de género** e/ou mesmo permitir a promoção de estratégias para diminuí-las. A escola, como qualquer instituição, deve partir da premissa do respeito dos direitos humanos, trabalhando a diversidade e assumindo essa mesma diversidade entre as pessoas (e.g., diferentes etnias, orientações sexuais, condições económicas, etc.), estimulando a consciência de que essas diferenças não devem gerar discriminação ou violência.



Sendo a escola um coletivo formado por mulheres e homens é importante pensarmos até que ponto as **relações de género dentro da comunidade escolar estão ou não estereotipadas**. Um possível primeiro passo é refletir sobre a sua própria realidade e analisar até que ponto o trabalho realizado pode reafirmar estereótipos ou contribuir para a transformação dessas relações.

Este trabalho de análise deverá ser realizado no coletivo, envolvendo toda a **comunidade escolar**, desde alunas e alunos, pais e mães, corpo docente, direção e demais funcionários e funcionárias da escola, de forma a garantir uma maior abrangência da reflexão para o processo e resultado pretendido. E é a partir dessa interação com cada grupo da comunidade escolar, e com base na observação da dinâmica do Agrupamento Escolas de Gondifelos, Vila Nova de Famalicão, que se propôs um trabalho de investigação que culminou na produção da presente publicação: um guia para uma escola promotora da igualdade de género.

METODOLOGIA DE ESTUDO

A investigação foi realizada em três etapas: Iniciou-se com visitas às instalações das escolas do Agrupamento para observações do espaço físico, de algumas aulas, de momentos de intervalo dos e das estudantes e docentes, de materiais utilizados dentro e fora da escola (livros didáticos, comunicados internos e externos, jornal, etc.), como forma de se visualizar um **panorama inicial** que serviria de ponto de partida para definir áreas prioritárias de análise mais aprofundada.



Como segunda fase, realizaram-se **encontros específicos** (focus groups) com representantes de cada grupo da comunidade escolar: estudantes, os seus e/ou as suas responsáveis, docentes, e pessoal não docente, a fim de analisar algumas especificidades correspondentes à contribuição de cada grupo na reflexão da escola como um espaço igualitário ou não em termos de género. Cada encontro foi pensado com um formato e tempo adequado e conveniente aos e às participantes, tendo em conta a utilização de recursos de educação não formal como proposta metodológica que permitiu o diálogo e desenvolvimento de cada sessão.



Por fim, após a recolha de dados provenientes da observação inicial e do diálogo com a comunidade escolar, foi produzida esta **ferramenta** que consiste num “guia da escola amiga da igualdade de género”, com sugestões de boas práticas a serem implementadas pela comunidade escolar a fim de estimular a tomada de consciência sobre a perspetiva de género, partindo de uma autorreflexão e da observação da própria realidade e realizada por um coletivo dentro da escola.



O calendário de estudo que inclui as 3 fases foi desenvolvido num período de 5 meses, culminando num grande encontro com representantes de toda a comunidade educativa concelhia para o lançamento e apresentação deste guia que poderá ser implementado nas escolas com o objetivo de aumentar a consciência interna de um espaço mais igualitário em termos de género.

O QUE É GÉNERO?

Ao longo da história nas ciências humanas e sociais e a partir de matrizes teóricas diversas, os diferentes sentidos do conceito género não conduzem necessariamente a um aprimoramento ou refinamento deste conceito, mas sim à expansão das possibilidades de compreensão sobre a complexidade das relações sociais e de poder.

Neste guia assumimos que quando falamos de género, ou de diferenças entre rapazes e raparigas, feminino ou masculino, raramente estamos a tratar apenas de diferenças – usualmente também há hierarquias em questão e, portanto, desigualdades. Assim, propomos entender **o género como um conjunto de processos sociais, históricos e culturais em que assenta a construção social do sexo - uma categoria biológica insuficiente para explicar os papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher**. “Género” veio como uma categoria de análise das ciências sociais para questionar a suposta essencialidade da diferença dos sexos: a ideia de que mulheres são passivas, emocionais e frágeis; homens são ativos, racionais e fortes. Na perspetiva de género, essas características são produto de uma situação histórico-cultural e política; **as diferenças são produto de uma construção social**.

Mesmo antes do nosso nascimento somos definidos como pertencentes ao sexo masculino ou feminino. Essa divisão, por sua vez, é a base para inúmeros processos que nos conduzem a diferenciações e à construção de uma identidade de género: a escolha das cores do enxoval, os nomes e pronomes, os brinquedos e atividades de lazer, as carreiras profissionais com as quais nos envolvemos, as perspetivas de relacionamento afetivo e sexual, as expectativas para o futuro etc.

Em todos esses processos, há várias instituições envolvidas: **a família, os meios de comunicação, a linguagem, a religião, entre outras**. Por ser ampla e contínua, a socialização de género é um processo que marca a vida de cada um e cada uma e se dá justamente nos diversos encontros que acontecem entre nós e outros indivíduos, grupos e instituições. **A escola surge, evidentemente, como uma instituição que exerce um papel significativo nesse processo**. Ainda que de forma mais ou menos refletida, as nossas práticas diárias enquanto profissionais da educação têm impacto nos processos de construção de género, seja por meio das imagens de homens e mulheres nos livros didáticos que adotamos, seja nas personagens históricas a que damos destaque na aula ou mesmo a partir das nossas próprias expressões de género – na maneira como nos vestimos, como falamos com rapazes e raparigas ou até as expectativas sobre cada grupo.

Assim, mesmo se não nos focamos nesses processos, estamos constantemente a expressar na escola o que consideramos como feminino ou masculino, bem como o que esperamos de cada grupo. **Não há a possibilidade de se pensar a escola como uma instituição neutra**. Portanto, quando tratamos de “educar”, referimo-nos ao seu sentido amplo: ensinar não apenas os conteúdos escolares, como também **o cultivo de valores, a transmissão de um legado cultural das gerações anteriores e o incentivo à construção de projetos duradouros de escolarização**.

de que formas o conceito de género nos pode ajudar a pensar a produção das desigualdades entre raparigas e rapazes, mulheres e homens, no ambiente escolar?

no papel de profissionais da educação, a que fenómenos devemos estar atentos e como podemos atuar para diminuir tais disparidades?

**SÃO ALGUMAS DAS REFLEXÕES QUE
PRETENDEMOS LEVANTAR COM ESTE GUIA**

IGUALDADE DE GÉNERO

o que é e por que é tão urgente?

O conceito de **igualdade entre mulheres e homens foi articulado na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948** e posteriormente foi reforçado por vários acordos internacionais. Pode-se dizer que muito já se avançou nesse sentido, porém, seguimos sem atingir uma igualdade de género substancial e duradoura. Para isso, é preciso compreender como as **sociedades geram e reforçam padrões discriminatórios, estereótipos e práticas relacionadas com o género no quotidiano**. É também necessário conhecer os valores próprios, os da comunidade e da sociedade que nos rodeia, assim como os valores noutras partes do mundo. E mais, **é necessário empreender ações transformadoras que corrijam as desigualdades de género** fortemente enraizadas e complexas.

A EDUCAÇÃO PODE, POR UM LADO, EFORÇAR DESIGUALDADES DE GÉNERO E POTENCIAR ESTEREÓTIPOS, COMO POR OUTRO LADO FUNCIONAR COMO UM CATALISADOR DE MUDANÇA QUE PROPORCIONE AOS INDIVÍDUOS A POSSIBILIDADE E A CAPACIDADE DE QUESTIONAR E MODIFICAR ATITUDES E PRÁTICAS DISCRIMINATÓRIAS.

O Marco de Ação Educação 2030 subscrito pela comunidade educativa mundial em novembro de 2015, em sintonia com a agenda para os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) reconhece que a **igualdade de género está intimamente ligada ao direito à educação para todos e todas e que para alcançá-la se requer um enfoque que “garanta não só que as raparigas, os rapazes, as mulheres e os homens obtenham acesso aos distintos níveis de ensino e os frequentem com sucesso, mas também que adquiram as mesmas competências na educação e mediante ela”** (UNESCO 2016a, p.28).

Todas as mulheres, as raparigas, os rapazes e os homens devem ter a possibilidade de participar ativamente na sociedade, de que as suas vozes sejam ouvidas e as suas necessidades atendidas (ONU-Mulheres, 2016a).

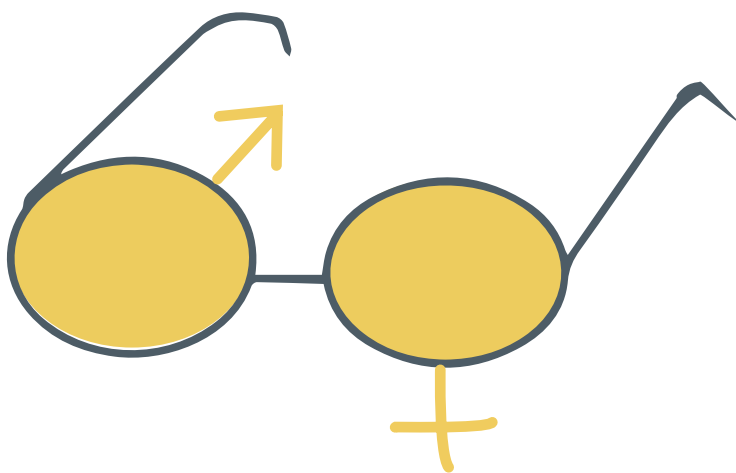
O QUE É UMA
ESCOLA AMIGA
DA IGUALDADE
DE GÉNERO?



EDUCAR O OLHAR

Com este guia lançamos o desafio a escolas e/ou organizações que desenvolvem atividades no setor da Educação para um momento de autorreflexão, a fim de pesquisar e refletir os mais variados espaços, contextos e práticas internas e externas, sob um **olhar crítico perante a forma como a instituição reforça ou não possíveis desigualdades de oportunidades entre raparigas e rapazes ou mulheres e homens** para que, a partir desse diagnóstico, seja possível **delinear ações para mudanças efetivas e eficazes no caminho da promoção de um espaço educativo mais igualitário e democrático.**

Para isso, propomos uma **“check-list da escola amiga da igualdade de género”** com o intuito de orientar a reflexão útil no processo de transformação de práticas quotidianas de toda a comunidade escolar.



ESPAÇOS FÍSICOS

o que os olhos veem...

A forma como uma escola organiza o seu espaço físico pode ter um papel significativo no reforço de estereótipos de género que muito contribuem para o crescimento das desigualdades de oportunidades entre raparigas e rapazes. Será que, em geral, todas e todos que circulam pela escola diariamente têm acesso e usufruem das instalações da mesma forma e com as mesmas oportunidades? Há um incentivo igualitário em termos de género para a sua utilização?

CHECK LIST



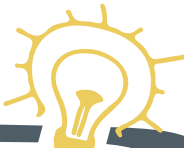
As salas de pré-escolar são organizadas de forma a possibilitar que todos e todas desfrutem das instalações da mesma forma? Existe uma consciência de um possível reforço de estereótipos na organização e uso dos brinquedos com meninos e meninas?





✓ As casas de banho evidenciam as diferenças de formas estereotipadas entre o que é ser rapaz e rapariga?

✓ Os espaços desportivos e de lazer estão disponíveis de forma igualitária a raparigas e rapazes? (Campos de futebol, salas de dança, brinquedos e jogos, etc)



Um pensamento estereotipado de género influencia a forma como cada criança se define, enquanto membro do grupo dos homens ou do grupo das mulheres, condicionando o seu comportamento social para com os pares e para com as pessoas adultas, modelando a forma como se avalia e como avalia os outros, em função da sua pertença ao género masculino ou feminino.

DOCENTES

Uma vez que as professoras e professores são agentes fundamentais para a comunidade escolar, é urgente que façam um **exercício de reflexão e de tomada de consciência da própria prática pedagógica**, devendo ser encarado como uma oportunidade para reconhecer os mecanismos que legitimam as desigualdades entre homens e mulheres e o **questionamento acerca da reprodução e arbitrariedade já interiorizada**, criando condições para superar os antagonismos e a discriminação sustentados nas práticas institucionais e nos conteúdos.

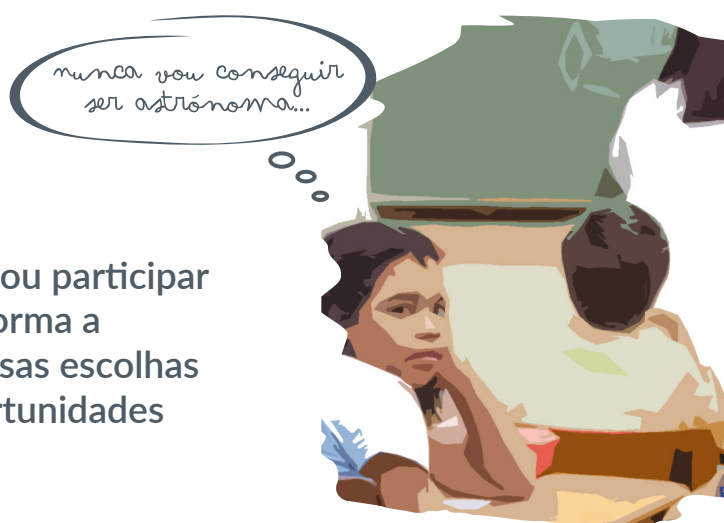
de olho nas práticas pedagógicas...

Quando consideramos, por exemplo, que em termos de **escolha profissional existe uma grande disparidade entre os géneros** – raparigas não acedem em quantidade equivalente a determinadas profissões reconhecidas como masculinas, nomeadamente no caso das profissões relacionadas com as Ciências Exatas – torna-se ainda mais relevante e necessário ficarmos atentos e atentas às nossas práticas, pensando de que maneira estamos a contribuir, mesmo que sem intenção, para **perpetuar a distinção entre áreas de saberes consideradas masculinas e femininas**, condicionando desde o início da escolarização o desenvolvimento das raparigas nessas áreas (ou de rapazes em outras áreas).

CHECK LIST



Como escolhemos quem vai falar ou participar nas nossas aulas? Damos voz de igual forma a raparigas e rapazes? De que maneira essas escolhas contribuem para desigualdades de oportunidades futuras a rapazes e raparigas?



✓ Esperamos o mesmo de raparigas e rapazes em termos de notas e comportamento? Estaremos a reforçar alguns estereótipos de acordo com o género dos nossos alunos e alunas? Na prática, como é que caracterizamos bons e maus exemplos de comportamentos que habitualmente atribuímos a rapazes e raparigas?



✓ Como organizamos ou se organizam os nossos alunos e alunas no espaço físico das aulas? Estarão conscientes das suas escolhas? Qual o nosso papelenquanto educadores/as na desconstrução de alguns comportamentos estereotipados e no incentivo de novas oportunidades a rapazes e raparigas?



como descobrir se um brinquedo é para meninos ou meninas?



não é brinquedo de criança.
meninas e meninos podem brincar.

← sim ←
← não ←

é necessário usar os órgãos genitais para brincar?

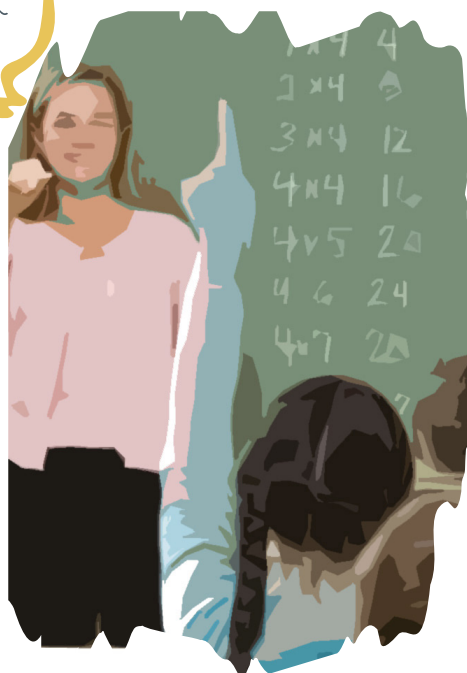


Como são organizadas as aulas de Educação Física? Há incentivo para que todos e todas tenham acesso de forma igualitária às modalidades desportivas e às oportunidades de protagonismo?



Temos atenção à linguagem que usamos com os nossos alunos e alunas de forma a que todos e todas se sintam representados?

*Muito bem, meninos!
portaram-se muito bem
durante o almoço!*



*só os meninos?
mas eu também
portei-me bem!*

MATERIAIS

Os manuais escolares são outro aspeto cuja seleção precisa de ser criteriosa, tendo em conta não só os conteúdos curriculares, mas também as imagens e ideias que transmitem sobre o sexo masculino e o sexo feminino. Mas mesmo os “maus” exemplos podem ser um ponto de partida para um trabalho interessante, levando as crianças e jovens a questionar, desenvolvendo o seu espírito crítico na procura de soluções alternativas.

CHECK LIST

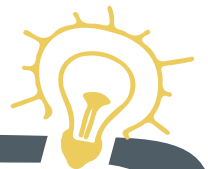
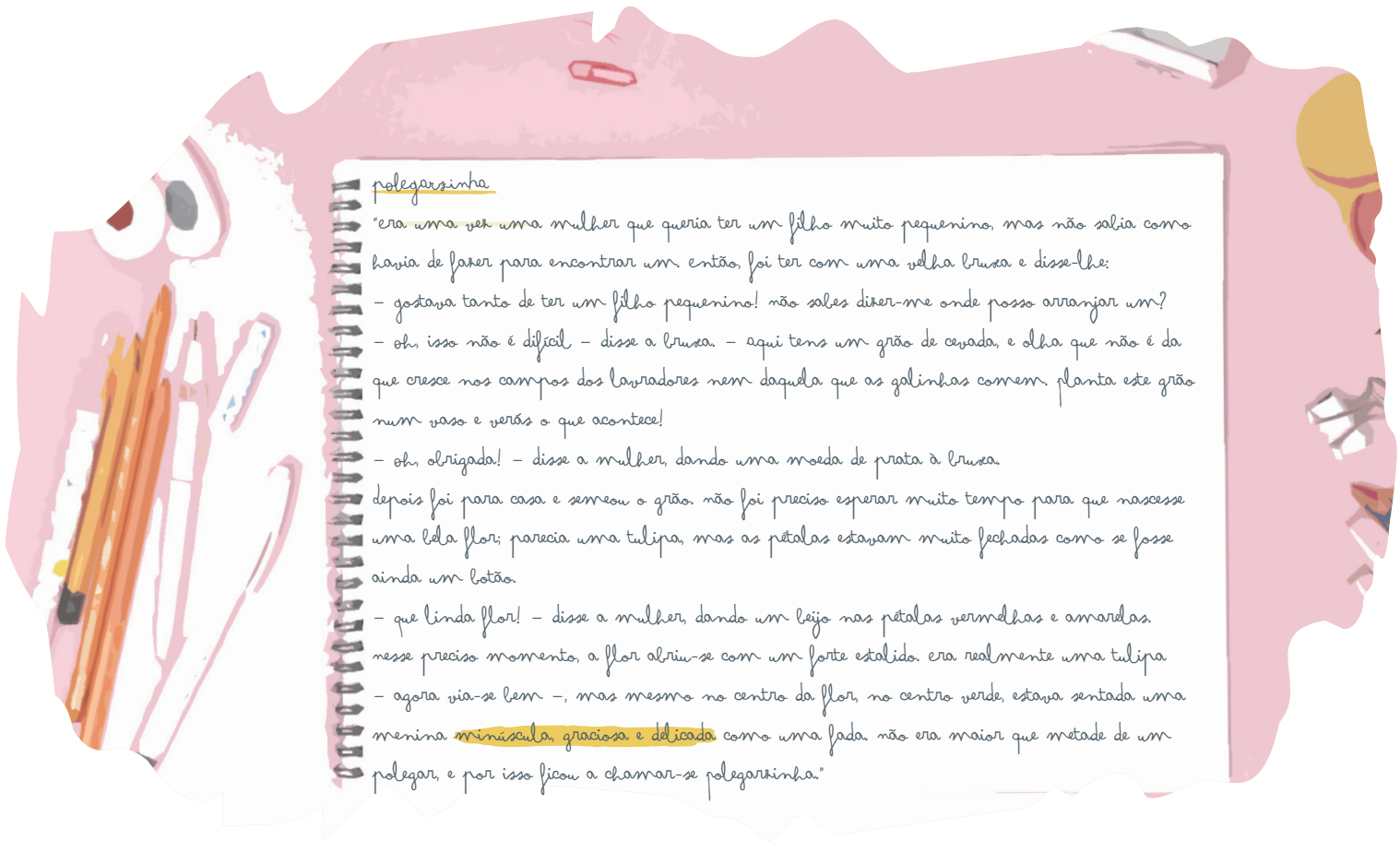
as profissões
o médico, o advogado
a costureira, a enfermeira

Que tipo de mensagem em termos de género é trazida pelos materiais de apoio utilizados pelos e pelas estudantes?





Como está a representatividade de papéis em termos de género nos materiais que utilizamos na escola?



É comum encontrar textos em materiais escolares que reforçam estereótipos de figuras femininas associadas à fragilidade, beleza e doçura. Os contos de fada são um “prato cheio” para essa análise. Ficam aqui duas sugestões interessantes de leituras infantis para trabalhar a desmistificação de estereótipos nas personagens femininas:

-“Coleção antiprincesas” Editor Tinta da China

-“As gavetas do mundo - um livro para desarrumar ideias” - Ana Luísa Abreu e Mafalda Araújo



A linguagem dos materiais que utilizamos na escola é inclusiva em termos de género?



Pode ser um bom pretexto para um projeto inicial do ano letivo, proporcionando às crianças um melhor conhecimento de si e dos outros, da forma como se veem e do que já ouviram em casa sobre estas questões. Mas, não é só o tipo de narrativa nem as figuras que ajudam a avaliar a qualidade dos manuais relativamente às questões de género. Relativamente à forma como os conteúdos são abordados, os textos apresentados, muitas vezes, também sugerem ideias erradas relativamente aos papéis de género. Por isso, é importante dar especial atenção a tudo aquilo que utilizamos como material de apoio e aproveitar as possíveis inadequações para definir pontos de partida para o combate aos estereótipos.

ESTUDANTES

Como se movimentam os e as estudantes pela escola? Como se organizam nos espaços de aula e também fora deles? Haverá a predominância de rapazes ou raparigas em algum espaço específico na escola? A forma como os e as estudantes ocupam os espaços escolares (sejam eles físicos ou espaços de fala/protagonismo) pode dizer muito sobre o incentivo possibilitado pelas escolas a iguais oportunidades. As normas na definição dos trabalhos de grupo, por exemplo, por vezes podem reforçar uma excessiva diferenciação entre rapazes e raparigas, pelo que é necessário repensar e promover uma igual participação de todas e todos.

CHECK LIST



Quando a questão é liderança, qual a posição dos e das estudantes na representatividade de rapazes e raparigas?



A tomada de posições de liderança na escola - para resolução de problemas, para a proposta de novas ideias ou até no sentido da simples participação - pode ser um claro reflexo do processo de socialização das nossas crianças e jovens. Neste sentido, o caminho também perpassa por trabalhar na desconstrução de algumas verdades estabelecidas entre os e as estudantes. Este trabalho pode ser encabeçado pelos próprios grupos de alunos e alunas numa perspetiva de autorreflexão e corresponsabilização no processo de construção de uma escola mais justa e igualitária em termos de género. Aos e às docentes e não docentes, caberá a tarefa de lançar o incentivo para que esse trabalho seja feito também nos contextos fora dos momentos de aula, com campanhas de consciencialização, intervenções informais nos grupos de amigos e, principalmente, com a autorreflexão e observação constante das práticas diárias de si próprio ou própria como estudante-ativo ou ativa, e agente tão importante da comunidade escolar.



Como se dá a participação dos e das estudantes nas atividades fora do contexto de aula?



Os estereótipos de género tratam das diferenças entre homens e mulheres como se fossem qualidades ou fraquezas naturais, não mutáveis. É importante compreender que essas situações são resultantes do tipo de educação que recebemos e transmitimos na família, na escola, nos meios de comunicação, nas religiões... É necessário um intenso trabalho de reflexão sobre essas ideias para erradicar os preconceitos baseados em normas rígidas de género.



Em contexto de aula, como se dá a participação de rapazes e raparigas? Terão todos e todas as mesmas oportunidades de exprimir as suas ideias?



Ter espaço para expressar-se livremente é um dos direitos mais básicos de todo o cidadão e cidadã. Portanto, na esfera escolar, é imperativo que esse direito seja respeitado, quer entre pares, quer entre representantes de diferentes grupos da comunidade escolar.



Considerando a interação entre os e as estudantes, a escola é um espaço seguro para sermos nós mesmos ou nós mesmas, sem julgamentos?



Se a escola é um espaço de todos e todas, isso inclui considerar válida toda e qualquer diferença de valores, opiniões, crenças e comportamentos. Para que o ambiente escolar mantenha uma esfera democrática, todas as pessoas que a frequentam e fazem parte da comunidade escolar possuem o direito de serem respeitadas como são. Assim, é de extrema importância a sensibilização para questões que envolvam preconceitos de qualquer tipo, abarcando desde as escolhas estéticas à orientação sexual, por exemplo.

PESSOAL NÃO DOCENTE

Se pensarmos a escola como um espaço plural e composto por vários grupos que desempenham funções específicas para manter operacional a grande engrenagem da educação, podemos apontar o pessoal não docente como uma das mais importantes peças dessa máquina. Essa é a equipa com acesso mais direto e contínuo à realidade, entre todos os outros agentes da comunidade escolar, sejam estudantes, docentes ou responsáveis de educação. E, portanto, podem ser uma peça-chave na promoção de valores e ações que tornem o ambiente um espaço mais justo e igualitário em termos de género.

CHECK LIST

✓ Na interação com os e as estudantes, quais são os parâmetros de expectativas do pessoal não docente em relação ao comportamento das raparigas e dos rapazes?



Se por um lado há mais tolerância face aos comportamentos indisciplinados dos rapazes, por outro lado esta tolerância pode acabar por prejudicar a sua integração escolar, não os preparando de forma adequada para serem mais perseverantes e atentos às aprendizagens escolares. Estas diferenças são evidentes em alguns testemunhos recolhidos junto de rapazes e raparigas que referem que “elas são mais trabalhadoras e disciplinadas” e “eles são menos obedientes”. Estas diferenças, apesar de nem sempre reconhecidas pelo staff da escola, evidenciam-se no discurso das crianças, começando a existir desde a idade pré-escolar. Portanto, é importante refletir sobre as principais diferenças e semelhanças que se verificam, o porquê destas diferenças e quais os aspetos a rever na sua intervenção.



Qual a representatividade de homens e mulheres nas diferentes funções exercidas pelo pessoal não docente na escola? Como estão divididas as funções no corpo diretivo e de gestão geral em termos de género?



Promover a igualdade de oportunidades em termos de género no ambiente escolar não se restringe apenas aos e às estudantes. Fazer da escola um espaço mais justo e igualitário a todos e todas também requer um olhar especial sobre as estruturas hierárquicas e de poder em questão. Quantas mulheres ocupam posições de liderança na gestão da instituição? Quantos homens realizam tarefas de apoio como limpeza e cafés? Muitas questões sociais vêm à tona quando nos debruçamos sobre os porquês da falta de representatividade das mulheres em posições mais elevadas no mercado de trabalho em geral. As razões remontam ao próprio processo de socialização das mulheres, baseado na ocupação da esfera doméstica, e não da esfera pública, estendendo-se ao longo da vida com todas as atribuições e papéis que lhes são atribuídos pelo simples facto de serem mulheres. Portanto, combater desigualdades de género entre a comunidade escolar é também procurar formas de promover oportunidades de ascensão profissional para os e as funcionárias de forma justa e equitativa.

COMUNICAÇÃO INTERNA E EXTERNA

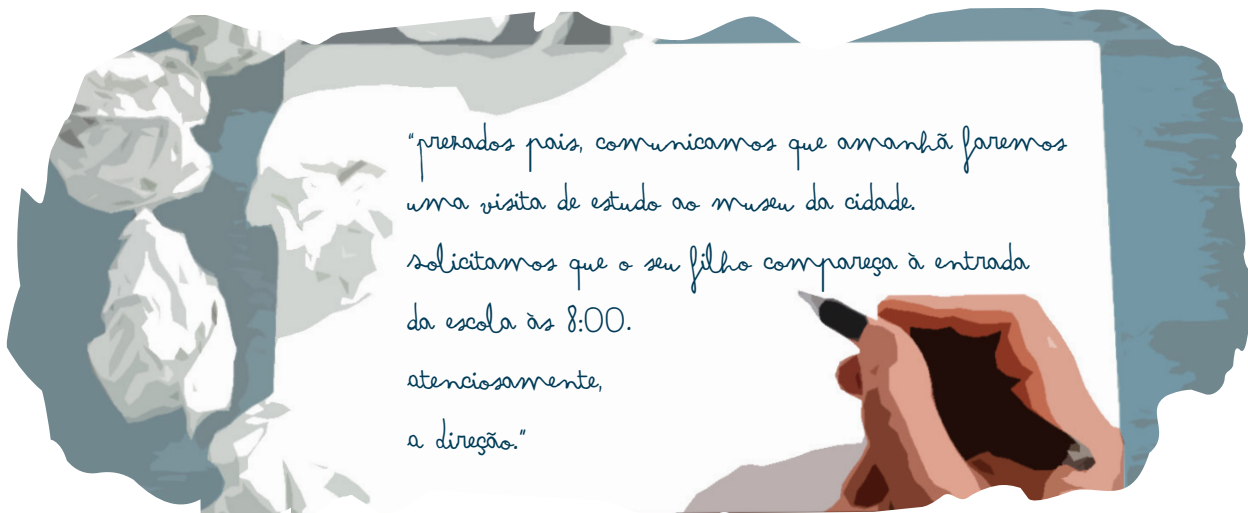
diz-me como comunicas e dir-te-ei quem és...

As formas como a escola divulga informações (dentro e fora do ambiente escolar) podem dizer muito sobre o quão consciente está acerca das questões de género. Comunicar de maneira igualitária pode abranger desde o uso de uma linguagem inclusiva (a fim de desconstruir a ideia do masculino como universal e o sexismo estabelecido na linguagem) até ao cuidado com a representatividade de género em termos de recursos não verbais (imagens, por exemplo).

CHECK LIST



A linguagem utilizada nas nossas comunicações/ofícios/circulares representa todo o público-alvo pretendido?



É muito importante analisarmos a forma como a **linguagem está marcada pela história e hegemonia masculina**, bem como as suas consequências na construção de identidade de rapazes e raparigas, e a necessidade de intervir para a mudança no sentido de que homens e mulheres tenham a mesma visibilidade e simetria.



Os papéis diferenciados de ocupação na linguagem para os sexos feminino e masculino são **reflexo de construções sociais**, que em todos os espaços estabelecem posições para mulheres (inferiores) e para homens (superiores) que não permitem uma relação horizontal e harmoniosa, reforçando a superioridade e domínio de um sobre o outro. A linguagem tal qual nós a conhecemos hoje em dia, estabelece que o universal é o masculino, e que no masculino as mulheres são abrangidas. Esse pensamento retira das mulheres a condição de sujeitos, deixando-as à margem, sob o véu dos homens e, reproduzindo por isso, o sexismo.

CALENDÁRIO ESCOLAR

Um instrumento bem comum à realidade das escolas e que pode ser um grande aliado na promoção de um ambiente mais inclusivo em termos de gênero é o calendário de datas comemorativas na escola. A escolha dessas datas pode ser um “prato cheio” para gerar projetos interessantes ou aulas temáticas relacionadas com essas datas.

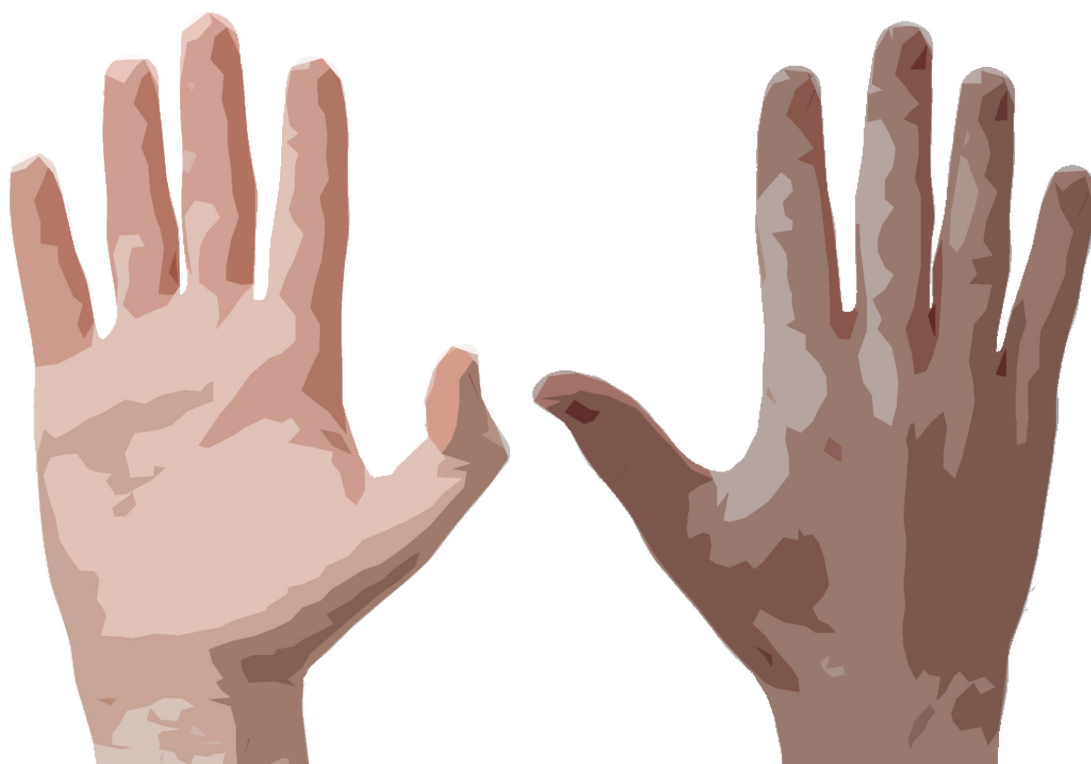
CHECK LIST

- ✓ A diversidade é um dos valores tidos em conta no momento de se decidir sobre o calendário de datas comemorativas?



Com o intuito de assumir uma postura mais inclusiva, que tal criar no calendário escolar o "Dia da Família"? Vale também destacar algumas datas importantes na promoção da igualdade de gênero como o Dia Internacional dos Direitos Humanos (10 de dezembro), o Dia Internacional de Ação pela Saúde da Mulher (28 de maio), o Dia Internacional da Menina (10 de outubro) ou o Dia Internacional da Não-Violência contra a Mulher (24 de novembro)... Estas podem ser excelentes oportunidades para que sejam desenvolvidas atividades de conscientização dentro ou fora da sala de aula.

**10 DICAS
PRÁTICAS PARA
UMA ESCOLA
AMIGA DA
IGUALDADE DE
GÉNERO**



1

AS PAREDES CONTAM HISTÓRIAS

Que tal organizar e convidar a comunidade escolar para um momento de “caça às desigualdades” pelos espaços físicos da escola? Incentivar a procura de estereótipos de género nas casas de banho, nos espaços de lazer, nos comunicados afixados nos murais, nos elementos de imagem expostos pelos corredores (quadros, cartazes, esculturas), etc. O intuito é realizar um diagnóstico inicial de quais são as estruturas físicas que precisam de uma atenção especial para que o espaço físico da escola seja o primeiro a dar o exemplo.

É essencial encorajar a conversa sobre o tema sempre que possível. Se o assunto é tratado em sala de aula, cria-se espaço para debate e reflexão. É importante mostrar que os e as estudantes podem ter voz e sentir-se confortáveis para fazer perguntas e expressar as suas opiniões. Criar um contexto é sempre uma forma interessante para motivar o debate. Por exemplo, dedicar uma aula de História para aprender a origem do Dia da Mulher e entender o papel e o tratamento dado às mulheres em diferentes países torna a inclusão do tema mais natural, por exemplo. O trabalho de género vai desde ações para combater os estereótipos (como o de que rapazes são melhores em matemática que raparigas) até o debate explícito sobre sexualidade, feminismo, orientação sexual e identidade de género.

2

GÉNERO NA SALA DE AULA

3

Hábitos e atitudes do dia a dia são responsáveis por reforçar o machismo na sociedade. Na escola, não é diferente! Para garantir um ambiente de igualdade, as crianças e jovens desde muito cedo devem aprender que as cores, os brinquedos, os desportos ou as roupas não têm género. Todos e todas devem ser incentivados e incentivadas a participar nas tarefas domésticas, assim como os e as responsáveis pela educação (pais, mães, tios, tias, avôs, avós, etc.) também precisam dar o exemplo ao dividir as responsabilidades e o cuidado da casa com as crianças. Na escola, brincadeiras e anedotas sexistas entre jovens, por exemplo, não podem ser naturalizadas.

ATITUDES DIZEM MAIS QUE MIL PALAVRAS

4

GIRL POWER

Trabalhar o empoderamento das raparigas dentro da escola é também uma questão chave para se avançar na construção do seu protagonismo e direito à expressão na sociedade. Não falem por elas! Ao invés de se substituírem às crianças, sugerimos que criem oportunidades, espaços e condições para que elas mesmas digam o que querem, pensam e sentem. Para abordar essa temática, podem ser realizadas diversas iniciativas: debates, campanhas de valorização dos diferentes tipos de beleza; projetos que envolvam a produção artística ou musical... Certamente elas mesmas têm muito a dizer sobre como se querem sentir representadas e valorizadas dentro da sua escola!

5

HOMEM COM “H” DE HUMANO

“A tragédia do machismo é que o homem nunca é homem o suficiente”, falou, certa vez, a teórica Germaine Greer. Quantas vezes os rapazes já não se sentiram presos a ideais impostos, para se sentirem “mais homens”?

Todas as pessoas querem ser aceites, reconhecidas e amadas. Porém, o medo do estigma e da censura, assim como o medo de perderem o estatuto de ‘sexo superior’, acaba por impedir muitos homens, jovens e adultos, de serem emotivos, sensíveis, delicados, empáticos. Portanto, encorajar e apoiar a desconstrução de uma masculinidade tóxica, à qual os rapazes são expostos desde muito cedo, é também uma postura fundamental da escola promotora da igualdade de género.

Visto o professor ou professora ser uma peça-chave para um bom funcionamento de toda a engrenagem escolar, é de extrema importância que o corpo docente esteja bem informado e se sinta seguro para trabalhar as questões de género com os e as estudantes e com toda a comunidade escolar em geral. Para isso, existem muitos recursos interessantes online (ex: manuais com atividades práticas, sugestões de vídeos e músicas...) e uma extensa bibliografia sobre a temática. Vale a pena explorar na bibliografia deste guia ou online!

6

PROFESSOR OU PROFESSORA, UPDATE-SE

7

Quantos dos livros escolhidos pela escola este ano foram escritos por mulheres? Incentivar a leitura de obras realizadas por mulheres também é uma forma de política afirmativa no que diz respeito à produção literária das mulheres que receberam até hoje apenas 12 % dos Prémios Nobel de Literatura. Ler e dar-lhes voz é um ato de cidadania!

LEIA MAIS MULHERES

8

ADEUS ASSÉDIO

Alunas vítimas de assédio precisam de acolhimento! É essencial que a escola tenha um grupo conselheiro que possa apoiar as raparigas nesse tipo de situação tão delicada. É também importante que elas não tenham medo e sintam confiança para pedir ajuda a uma autoridade escolar e explicar o que está a acontecer. As redes sociais tornaram-se um espaço para denúncias de abuso e má conduta escolar, mas também podem aumentar a exposição das alunas, o que certamente é muito delicado. O mesmo vale para professoras, funcionárias de apoio e responsáveis de educação. A escola deve ser um espaço seguro onde todas e todos se sintam protegidos e protegidas escola!

9

TODOS E TODAS PARTICIPAM

É essencial incentivar a participação em toda e qualquer atividade que ocorra na escola sem restrições de género. Seja um campeonato de futebol, uma votação para representantes de turma ou a escolha de equipas voluntárias para a limpeza de um evento ou reflorestação, é importante que a participação seja incentivada, independentemente do género. A diversidade enriquece o trabalho, traz novos pontos de vista e torna tudo ainda mais interessante!

10

PARA QUE ESTE GUIA NÃO ACABE AQUI

Para realizar um trabalho mais duradouro no cumprimento de uma escola mais amiga da igualdade de género, pode promover-se uma assembleia (sugestão de título “Coisas desse género”) com, pelo menos, dois representantes de cada grupo da comunidade escolar (docentes, estudantes, responsáveis pela educação e pessoal não docente) para criar um **núcleo** de embaixadores e embaixadoras da igualdade, a fim de debater possíveis ações a serem desenvolvidas durante o ano escolar como um compromisso de cada grupo em contribuir para que a escola se torne um local ainda mais justo e igualitário em termos de género.



Esse núcleo pode criar diversos projetos a serem desenvolvidos ao longo do ano como por exemplo:

- um espaço na biblioteca para materiais sobre a igualdade de género;
- a organização de sessões de cinema sobre a temática;
- sessões de apresentação do trabalho do núcleo feitas pelos próprios e pelas próprias estudantes a todas as turmas a fim de angariar mais participantes;
- exposições de fotografia de mulheres que foram ícones na História;
- tertúlias literárias de obras escritas por mulheres ou sobre a igualdade de género.

DICAS DE MANUAIS COM ATIVIDADES PEDAGÓGICAS PARA TRABALHAR A IGUALDADE DE GÉNERO NA ESCOLA

→ Guiões de Educação Género e Cidadania, Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2017, em linha, disponível em: <https://www.cig.gov.pt/documentacao-de-referencia/doc/cidadania-e-igualdade-de-genero/guioes-de-educacao-genero-e-cidadania/>

→ MANUAL DE FORMAÇÃO “É de Género? - IGUALDADE DE GÉNERO, DIVERSIDADE e CIDADANIA GLOBAL. Rede Inducar e Rosto Solidário, 2015, em linha, disponível em http://www.edegenero.pt/pdf/manual_edegenero.pdf

→ Kit Pedagógico sobre Género e Juventude - Educação não formal para o mainstreaming de género na área da juventude (Rede Portuguesa de Jovens para a Igualdade de Oportunidade entre Mulheres e Homens - REDE), 2013, em linha, disponível em http://tk.redejovensigualdade.org.pt/kitpedagogico_rede.pdf

→ Coolkit Jogos para a Não-Violência e Igualdade de Género, Coolabora, CRL, 2011, em linha disponível em <http://www.coolabora.pt/publicacoes/coolkit.pdf>
Planos de Aula Igualdade de Género - Amnistia Internacional, em linha, disponível em https://www.amnistia.pt/_static_/www.amnistia.pt/files/EADH/Plano_de_aula_igualdade_de_genero_2.pdf

GLOSSÁRIO

GUIÕES DE EDUCAÇÃO GÉNERO E CIDADANIA - PUBLICAÇÃO CIG

Assédio: todo o comportamento indesejado, nomeadamente o baseado em fator de discriminação, praticado aquando do acesso ao emprego ou no próprio emprego, trabalho ou formação profissional, com o objetivo ou o efeito de perturbar ou constranger a pessoa, afetar a sua dignidade, ou de lhe criar um ambiente intimidativo, hostil, degradante, humilhante ou desestabilizador. (Q)

Assédio sexual: todo o comportamento indesejado de carácter sexual, sob forma verbal, não-verbal ou física, com o objetivo ou o efeito de perturbar ou constranger a pessoa, afetar a sua dignidade, ou de lhe criar um ambiente intimidativo, hostil, degradante, humilhante ou desestabilizador. (Q)

Diversidade: diferenças entre os valores, as atitudes, os quadros culturais, as crenças, os contextos étnicos, as orientações sexuais, as competências, as crenças e as experiências próprias de cada elemento de um grupo. (A).

Empoderamento / Capacitação: consiste nos processos e resultados de melhoria da autonomia individual, através de diversos meios como o acesso ao conhecimento, o desenvolvimento de capacidades, a educação e formação. Consiste na autoconfiança e vontade individuais para mudar, positivamente, uma dada situação e que podem, subsequentemente, ser aplicadas na mudança do estatuto social, político, económico ou cultural individual. É, acima de tudo, um processo interior, de auto-capacitação. Só pode ser empoderada ou empoderado quem se empoderar a si própria/o. (D)


Escola democrática: um estabelecimento de ensino cuja administração se baseie no respeito dos direitos humanos, bem como no empoderamento e participação dos e das estudantes, do pessoal e das partes envolvidas em todas as decisões importantes. (F)

Estereótipos de género: correspondem aos estereótipos sobre o que se entende que devem ser e fazer homens e mulheres.


Estudos de Género: abordagem científica, geralmente interdisciplinar, da distribuição de papéis sociais entre mulheres e homens, bem como da dimensão da relação entre homens e mulheres em todas as disciplinas. (A)




Feminilidade: envolve as normas que a sociedade atribui ao comportamento das mulheres.



Feminismo(s): movimento(s) que visa(m) a igualdade social, política, econômica e cultural, entre mulheres e homens, pugnando pelos direitos das mulheres. Pode ser entendido como um fenômeno global que integra diversos fatores de acordo com a especificidade da situação das mulheres no mundo, das particularidades de cada cultura e de cada sociedade. Todavia, apesar dos feminismos se poderem configurar de forma específica, em diferentes sociedades e culturas, todos os seus movimentos são orientados pelo mesmo fundamento filosófico da conquista da igualdade entre mulheres e homens em todas as esferas da vida. (I)




Gênero: ferramenta analítica utilizada para a compreensão dos processos sociais. Trata-se de um conceito relacional, por isso, não se refere apenas a mulheres ou a homens mas sim às relações que ocorrem entre ambos e ao modo como essas relações vão sendo socialmente construídas. Como instrumento de análise remete para as diferenças sociais (por oposição às biológicas) entre homens e mulheres, tradicionalmente inculcadas pela socialização, mutáveis ao longo do tempo e que apresentam grandes variações entre e intra culturas. (A, C e D)




Identidade de gênero: refere-se à experiência interna e individual de gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo identificado ao nascimento, incluindo o sentido pessoal atribuído ao corpo (o que pode envolver, se livremente escolhido, a modificação da aparência e/ou da função corporal, por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, incluindo a aparência, o discurso e os maneirismos. (L)




Igualdade de oportunidades entre Mulheres e Homens: ausência de barreiras em razão do sexo à participação econômica, política e social. (A).



Igualdade entre mulheres e homens / dos sexos: princípio dos direitos iguais e do tratamento igual de mulheres e de homens. Noção que significa, por um lado, que todo o ser humano é livre de desenvolver as suas aptidões e de proceder às suas escolhas, independentemente das restrições impostas pelos papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres e aos homens e, por outro lado, que os diversos comportamentos, aspirações e necessidades de mulheres e de homens são consideradas, valorizadas e promovidas em pé de igualdade. (É neste sentido que é utilizada a expressão Igualdade de Gênero). (A)




Interseccionalidade: reporta-se às discriminações múltiplas e ao reconhecimento de que as experiências de discriminação e de violação dos direitos humanos vividas pelas pessoas resultam não apenas do seu sexo, mas também de outras relações desiguais de poder como as que derivam da sua raça, etnia, classe, idade, situação de deficiência, orientação sexual, religião e de uma multiplicidade de fatores incluindo a sua situação de migrantes. (D)







Masculinidade: envolve as normas que a sociedade atribui ao comportamento dos homens.




Neutro em Termos de Género: que não tem qualquer impacto diferencial, negativo ou positivo, nas relações de género ou na igualdade entre homens e mulheres. (A)




Patriarcado: forma tradicional de organização da sociedade que está na origem das desigualdades de género. De acordo com este tipo de sistema social, os homens, ou o que é considerado masculino, têm mais importância do que as mulheres ou o que é considerado feminino. Tradicionalmente, as sociedades foram organizadas de tal forma que a propriedade, a residência e os/as descendentes, bem como a tomada de decisões sobre a maioria das áreas da vida, costumam ser do domínio dos homens. As justificações para a manutenção de tal organização social tendem a convocar argumentos de natureza biológica (as mulheres estão naturalmente mais preparadas para serem cuidadoras, por exemplo) e tendem a dar o mote para diversas formas de discriminação de género. (O)




Papéis de (em Função do) Género: conjunto de normas de ação e comportamento, tradicionalmente atribuídas a homens e mulheres e classificadas, respetivamente, por masculinas e por femininas. Os papéis de género aprendem-se através de processos de socialização e podem alterar-se não sendo, por isso, fixos. (A, I e J)



Perspetiva de Género: noção de que os problemas devem ser examinados tendo em conta a situação concreta de mulheres e de homens e de que as soluções devem ser concebidas tendo em conta as suas implicações sobre os homens e sobre as mulheres(H)



Relações de Género: relações assentes na distribuição desigual do poder entre mulheres e homens. As relações de género estruturam, e são construídas por, diversas instituições como a família, o sistema legislativo ou o mercado de trabalho. As relações de género traduzem-se em relações de poder hierárquicas entre mulheres e homens, em desfavor das primeiras. Essas hierarquias de poder são geralmente aceites como “naturais” ainda que sejam socialmente construídas, culturalmente determinadas e, como tal, sujeitas a alterações no tempo. (A e D).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A- (1998) A igualdade em 100 palavras: glossário de termos sobre igualdade entre homens e mulheres. DG Emprego e Assuntos Sociais.

B - Glossário da Comissão Europeia, em linha, disponível em http://europa.eu/scadplus/glossary/index_en.htm

C- “Glossário de termos sobre Género e Desenvolvimento” in Ferramentas de Trabalho para a integração das questões de género na cooperação para o desenvolvimento da CE, em linha, disponível em <http://ec.europa.eu/europeaid/sp/gender->

D- Gender in Local Government. A Sourcebook for Trainers, United Nations Human Settlements Programme 2008, Quénia, 2008, em linha, disponível em http://www.un.org/womenwatch/directory/pdf/Source_BK_9-May.pdf

E- Education for Democratic Citizenship 2001-2004. Developing a Shared Understanding. A glossary of terms for education for democratic citizenship, Karen O’Shea, Conselho da Europa, DGIV/EDU/CIT (2003) 29, Estrasburgo.

F- Recomendação CM/Rec(2007)13 do Comité de Ministros relativa à integração da igualdade entre mulheres e homens na educação.

G- Association for Progressive Communications, Internet for social justice and sustainable development, em linha, disponível em <http://www.apc.org/en/glossary/term/317>

H- OSCE – Organization for Security and Co-operation in Europe. Glossary on Gender-related Terms (maio 2006), em linha, disponível em http://www.osce.org/documents/gen/2006/05/25936_en.pdf

I- Glossary of Gender – related Terms, compilado por Josie Christodoulou (2005) e revisto por Anna Zodnina (2009), Mediterranean Institute of Gender Studies, em linha, disponível em <http://www.medinstgenderstudies.org/wp-content/?>

J- Glossário / Students Resources / Anthony Giddens – Sociology 5Th edition, em linha, disponível em <http://www.polity.co.uk/giddens5/students/glossary/>

K- Measuring the Gender Gap on the Internet¹, Bruce Bimber, University of California, Santa Barbara, em linha, disponível em http://rfrost.people.si.umich.edu/courses/SI110/readings/DigiDivide/Bimber_on_DigiDivide.pdf

L – Gender Equality and Thesaurus from EIGE, em linha, disponível em <http://eige.europa.eu/rdc/thesaurus>

M – United Nations Office on Drugs and Crime, em linha, disponível em <https://www.unodc.org/unodc/en/organized-crime/intro/UNTOC.html>

N- WATER- Women's Alliance for Theology, Ethics and Ritual, em linha, disponível em: <http://www.waterwomensalliance.org/feminist-theology-101/>; Women & Gender Studies Section – Women and Theology, em linha, disponível em: <https://www.libr.org/wgss/wgsslinks/theology.html>

O- Gender Equality Glossary, UN Women Training Center, em linha, disponível em <https://trainingcentre.unwomen.org/mod/glossary/view.php?id=36&mode=letter&hook=P&sortkey=&sortorder=asc>

P- Encyclopedia of Critical Psychology, Thomas Teo (Ed.), em linha disponível em https://link.springer.com/referenceworkentry/10.1007%2F978-1-4614-5583-7_16

Q- Definição constante do sítio web da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, em linha, disponível em <http://www.cite.gov.pt/pt/acite/dirdevtrab005.html>

R - Guiões de Educação Género e Cidadania [Publicação CIG], em linha disponível em <https://www.cig.gov.pt/documentacao-de-referencia/doc/cidadania-e-igualdade-de-genero/guioes-de-educacao-genero-e-cidadania/>



**school
of active
citizens**



Semper Avanti
STUDIUM



